



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES
FAFICLA

**O Brasil em dois momentos Históricos: O que une as eleições presidenciais
de 2002 e 2022**

Aluna: Luiza Ferreira Pires da Costa Fernandes

Orientador: José Salvador Faro

SÃO PAULO

2024

Luiza Ferreira Pires da Costa Fernandes

**O Brasil em dois momentos históricos: O que une as eleições presidenciais de
2002 e 2022**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Filosofia,
Comunicação, Letras e Artes na PUC-SP como requisito básico para conclusão do
Curso de Jornalismo

Orientador (a):

Profº José Salvador Faro

SÃO PAULO

2024

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe, Ieda Pires, que me ensinou que sensibilidade e afeto são formas de viver e compreender o mundo; em você, ecoam a força e o carinho que eu mais admiro. Ao meu pai, José Antonio, que é apoio para todas as horas e me mostrou o valor de enxergar o outro sempre com profundidade. Ao meu irmão, Gabriel Fernandes, com quem tive a sorte de compartilhar alguns dos melhores capítulos da minha vida. Foi em casa, com esses três, que aprendi o verdadeiro significado da política e da democracia como pilares para a vida.

Agradeço a minha tia, Denise Alves, tão importante no meu crescimento e onde sempre encontrei calma e refúgio. Também a todos os demais familiares, muito importantes no meu crescimento e desenvolvimento.

À Malena, minha parceira de vida e de sonhos, com quem compartilho, desde o primeiro dia, uma infinidade de questionamentos e descobertas. Nas nossas conversas intermináveis, encontrei (e ainda encontro) o desejo de querer viver num mundo melhor e o combustível para acreditar que isso é possível.

Aos meus amigos, que são a família que escolhi ao longo da vida, sejam aqueles que caminham comigo há tantos anos e quem se juntou durante a trajetória na faculdade. A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que foi o espaço para meu crescimento acadêmico e pessoal, e a todos os professores e trabalhadores que tornaram essa jornada possível.

Agradecimento especial ao meu orientador, José Salvador Faro, por embarcar e principalmente me encorajar nessa desafiadora tarefa. Nesse último ano pude me conectar profundamente com os motivos que me fizeram escolher o curso de jornalismo, agradeço essa oportunidade.

E por fim, a todos aqueles que acreditam na força transformadora da democracia e da política partidária.

Resumo

O presente trabalho faz uma análise comparativa entre as eleições presidenciais brasileiras de 2002 e 2022, dois momentos cruciais da democracia recente do Brasil. O estudo examina o contexto histórico de cada pleito, as estratégias de campanha utilizadas, o cenário político e social da época, e os fatores que levaram à vitória de Luiz Inácio Lula da Silva em ambas as eleições. Em 2002, Lula representava a esperança de transformação social e econômica, enquanto, em 2022, sua candidatura simbolizava a defesa da democracia diante da polarização política e do avanço da extrema-direita.

Ao comparar esses dois períodos, o trabalho revela como essas eleições refletem as mudanças na política brasileira e como elas moldaram novos ciclos históricos. Além disso, o estudo analisa como esses pleitos representam momentos decisivos para a democracia no país e o impacto que fatores como a mobilização popular e, especialmente em 2022, o uso das redes sociais tiveram na definição dos rumos eleitorais

Sumário

Introdução.....	7
2002	8
2022.....	29
Receita antiga, público novo	21
A certeza de viver a história	41
Conclusão	47
Referências Bibliográficas	51

Introdução

As eleições presidenciais de 2002 e 2022 trazem consigo alguns pontos de semelhança. Apesar disso, não há dúvidas de que nos dois momentos se apresentava aos eleitores dois países completamente diferentes, contextos nacionais e internacionais amplos e extremamente antagônicos.

Nesses 20 anos transformações tecnológicas mudaram o mundo por completo; elas alteraram nossas formas de se relacionar e, conseqüentemente, mudaram padrões econômicos, sociais e políticos. Aliado a isso, o Brasil viveu duas décadas intensas, na sua primeira eleição do milênio viu um metalúrgico se tornar presidente e provocar grandes mudanças na sociedade brasileira. Na virada da década, em 2022, o mesmo personagem ganhava as eleições de novo, exatamente 20 anos depois.

Em 2002, logo após a declaração da vitória, Luiz Inácio Lula da Silva, disse: “As eleições que acabamos de realizar foram, acima de tudo, uma vitória da sociedade brasileira e de suas instituições democráticas. A nossa vitória significa a escolha de um projeto alternativo e o início de um novo ciclo histórico para o Brasil.” Em 2022, com a confirmação do seu terceiro mandato, ele afirmou: “Chegamos ao final de uma das mais importantes eleições da nossa história. Uma eleição que colocou frente a frente dois projetos opostos de país, e que hoje tem um único e grande vencedor: o povo brasileiro.”

Certamente há muitas diferenças nos dois processos eleitorais, porém, as suas semelhanças podem revelar muito de como a população brasileira enxerga e vive a democracia. O presente trabalho busca ir além das semelhanças óbvias e a partir de uma análise comparativa, entender como o Brasil viveu esses dois momentos históricos da sua democracia, especialmente aqueles que antecederam a ida às urnas.

1º Capítulo

2002

Segundo o Cesop (Centro de Estudos da Opinião Pública) , o eleitor brasileiro de 2002 era essencialmente jovem, maioria formada por mulheres e de baixa escolaridade. Naquele ano, apenas 13% da população tinha ensino superior, 53% eram mulheres e na faixa de 16 a 34 anos estavam 41% dos habilitados a votar. Nesse raio x da população brasileira da época, um dado é fundamental: segundo o IBGE, 10% da população brasileira estava desempregada no período. O tema era central na sociedade brasileira de 2002 e causava rachaduras intensas em quem estava no governo.

Fernando Henrique Cardoso trazia consigo a virtude do plano real e principalmente de fixar na cabeça do eleitor brasileiro a sua importância para o momento de controle inflacionário que o país viveu. Apesar disso, o segundo mandato passava por um período de instabilidade, que ecoou nas pesquisas de avaliação. Em setembro de 2002, 45% dos eleitores avaliaram o governo de FHC como ruim/péssimo e dentre esses, 37% afirmaram que o principal problema do país era o desemprego, seguido de violência 13% e inflação, fome e miséria com 9%.

O desenho daquele ano parecia caminhar para uma clássica eleição de oposição, o brasileiro dava sinais de que não acreditava mais na força governista para mudar os rumos do país. Na contramão disso, o governo FHC apostou num nome da base para ser o candidato à sucessão do poder.

José Serra, era economista, acadêmico e político brasileiro, nascido em São Paulo, estudou Engenharia Civil na USP, onde se destacou como líder da União Nacional dos Estudantes (UNE) antes de ser exilado pela Ditadura Militar de 1964. Serra viveu no Chile e nos Estados Unidos, onde concluiu seu doutorado em economia pela Universidade de Cornell. Ao retornar ao Brasil em 1978, foi professor na Unicamp e, em 1983, tornou-se secretário de Economia e Planejamento de São Paulo, no governo de Franco Montoro. Foi eleito deputado federal em 1987 e, em 1988, ajudou a fundar o PSDB. Entre 1995 e 2003, foi senador por São Paulo, mas deixou o cargo para ser ministro do Planejamento e, posteriormente, da Saúde, no governo de Fernando Henrique Cardoso.



José Serra e FHC durante convenção do PSDB, no ginásio Nilson Nelson, em Brasília, em 2002 - (Alan Marques/Dedoc)

A escolha de Serra, no entanto, não foi simples e envolveu diversas disputas partidárias internas. No início do ano eleitoral o PFL (Partido da Frente Liberal), sigla importante em diversos estados em 2002, ainda não estava convencido de que a melhor estratégia era compor ao redor do nome de Serra, as pesquisas de 2º turno eram a principal justificativa. Em razão disso, desde 2001 o partido começou a investir na candidatura de um nome próprio: Roseana Sarney, então Deputada Federal.

A tentativa surtiu um efeito de proporções inesperadas e depois de se declarar pré-candidata, e receber investimento e principalmente tempo de TV, Roseana começou a ser conhecida pela população e teve um aumento muito expressivo nas pesquisas, chegando a empatar com o Lula no segundo turno, segundo o Datafolha de fevereiro de 2002.

A ascensão meteórica atingiu de forma drástica a campanha governista, que começou a projetar um abandono em massa de sua candidatura. Um segmento do PMDB, apoiado por José Sarney, pai da candidata do PFL, iniciou uma insistência para que Michel Temer fosse o vice e o partido abandonasse o PSDB. A movimentação política naquele momento foi intensa e recebeu ampla cobertura da mídia, enfraquecendo ainda mais o nome de Serra.

Já o fenômeno Roseana teve um trágico fim, com a mesma rapidez em que ela conseguiu se aproximar de Lula, ela também se afastou. O que ficou conhecido como “Escândalo Lunus” abalou profundamente sua candidatura, a foto de pilhas de notas de R\$50,00 reais,

resultado de uma operação anticorrupção feita na empresa de Roseana e seu marido, foi amplamente divulgada e inviabilizou a candidatura.



Em duas capas da Veja, no mesmo ano, Roseana sai de “fenômeno” a “erro”

Depois de meses de movimentações políticas e ampla cobertura dos bastidores, José Serra se consolida então como o candidato governista e a campanha foca em exaltar os bons feitos do governo e apontar soluções para os problemas econômicos. Suas principais promessas de campanha eram: criar 8 milhões de empregos, reduzir a inflação a 2,5%, reduzir juros reais a 7%, concluir a ferrovia Norte-Sul, reformar 18 mil quilômetros de estrada e duplicar o número de estudantes no ensino médio.

A candidatura começa com inúmeros pontos favoráveis: um ótimo tempo de TV e rádio, diversos partidos aliados e o reconhecimento dos projetos feitos como Ministro. Porém, um argumento foi se demonstrando irrefutável e o prejudicou do começo ao fim daquele pleito, como explica o artigo de Yan Carreirão:

“A pergunta, diversas vezes feita pelos adversários durante a campanha, era fatal: por que Serra, que era uma pessoa tão importante no governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso (tendo sido Ministro do Planejamento e, depois, da Saúde e escolhido para ser seu candidato), não conseguiu usar essa influência para fazer durante esses oito anos o que ele prometia fazer se fosse eleito?”

Restava à oposição seguir insistindo nessa falta de credibilidade e também explorar a imagem de renovação e mudança, que suas candidaturas trariam para o país.

No dia 30 de agosto de 2002, uma pesquisa eleitoral encomendada pelo Instituto Datafolha indicava que Lula liderava as intenções de voto com 37%, seguido de Ciro 20%, Serra 19% e Garotinho 10%.

Os números destacam a óbvia importância de Lula e Serra para aquele pleito, porém, também podem assustar aqueles que não imaginavam a força política de dois personagens importantes naquela eleição: Ciro Gomes e Anthony Garotinho. É difícil explicar o que aconteceu numa eleição sem que os outros candidatos sejam citados, eles são parte essencial do processo eleitoral e significam muito para a percepção que os eleitores terão daquela disputa.

- **Anthony Garotinho e Ciro Gomes**

Anthony Garotinho iniciou sua trajetória política enquanto prefeito da cidade de Campos, no interior do Rio de Janeiro, por onde permaneceu por dois mandatos e teve uma avaliação positiva. Em 1998, com o apoio de Leonel Brizola, ele se projetou nacionalmente ao ser eleito Governador do estado do Rio de Janeiro. Em 2000, o então governador deixa o PDT, por conta de divergências com Brizola e passa a fazer parte do PSB, partido que vai lançar sua candidatura a presidente.

Garotinho era uma figura conhecida nacionalmente, lançou projetos que impactaram o estado do RJ e saiu do posto de governador com 80% de aprovação, porém, sua campanha para presidente foi marcada por outra característica: sua religiosidade.



Garotinho durante gravação do último debate na TV antes do primeiro turno em 2002 - (Ana Carolina Fernandes/Folhapress)

Apesar do claro impacto da sua boa administração no Rio de Janeiro, colégio onde ele foi o candidato mais votado no 1º turno com 40%, a mobilização religiosa e especialmente evangélica foi fator determinante para a votação expressiva que Garotinho recebeu ao final daquela eleição.

Em julho de 2002, o presidenciável recebeu apoio dos principais representantes evangélicos do país, muito deles inclusive decidiram abandonar a candidatura de Serra, como conta à Folha de São Paulo:

“Com um discurso centrado em “esperança e fé”, o presidenciável Anthony Garotinho (PSB), que é evangélico, recebeu ontem o apoio da Assembleia de Deus.

Cerca de 30% da Assembleia de Deus já havia manifestado apoio ao pré-candidato tucano, José Serra. (...) Apesar do tom religioso marcado por oração e “aleluias”, a reunião demonstrou a disposição política de transformar seguidores evangélicos em cabos eleitorais”

Além da agenda comprometida com essas causas e o apoio de órgãos evangélicos importantes, os estrategistas de campanha também decidiram adotar integralmente essa linha, buscando consolidar na cabeça de quem pudesse interessar, que Garotinho era o candidato que se preocupava com a questão religiosa. Para isso, foram utilizados slogans como: “Quem é crente não inventa, vota 40” e “Voto em Garotinho por que além de crente é competente”. O jingle utilizado durante toda a campanha na TV e rádio também ia nesse sentido: “Fé no Brasil, Fé na Vitória, pra mudar nossa história, Garotinho”.

O plano foi bem executado e surtiu efeito, ao final da eleição estimou-se que 52% dos declarados evangélicos pentecostais votaram nele e 44% dos não pentecostais. A relação entre a religião e a campanha de Garotinho é fundamental para entender o fenômeno, em termos de voto, que ele representou. Em um partido pequeno, com a menor receita eleitoral e com pouco apoio político nos estados, é possível atribuir seus votos à campanha massiva feita nos espaços evangélicos. Como explica o sociólogo Alexandre Brasil Fonseca:

“Pesquisas apontaram que Garotinho mereceu um percentual significativo de votos evangélicos, enfrentando uma série de dificuldades operacionais em sua campanha em um pequeno partido. O uso do rádio foi central em sua estratégia que visava pescar votos primeiramente no aquário evangélico, para depois se aventurar diante da disputa de eleitores em meio ao mar revolto e aberto de uma campanha. Em relação aos evangélicos, investiu pesadamente na Universal e na Assembléia de Deus e afirmou-se entre os pentecostais, voltando também, sua atenção aos batistas e tendo garantido a identificação com alguns outros históricos, ao manter viva sua filiação ao presbiterianismo. Enfim, ele compôs um blend até então inédito para esse setor religioso”

Porém, é fato que a estratégia política precisava ir além do voto religioso, para isso, boa parte da sua comunicação era voltada a críticas à Serra e afirmar que Lula era “menos oposição” que a sua candidatura, segundo o próprio Garotinho, em entrevista ao jornal O Estado de SP: “Quando foi eleito, FHC tinha um discurso de oposição, mas acabou implantando um modelo de governo diferente do que prometera. Lula também será uma frustração para quem vota nele esperando mudança”

Buscando essa imagem de oposição, ele atacava os principais pontos frágeis que existiam no governo, em sabatina promovida pelo jornal O Globo, ele afirmou: “O Serra parece um candidato extraterreno, porque promete fazer tudo que o governo dele não fez. Se a pobreza e o desemprego estão altos, eles poderiam ter resolvido. Ele não é candidato dele próprio”.

Ao lado das críticas e da postura de candidato independente, Garotinho focava sua campanha nas suas principais propostas, que envolviam a área econômica, a principal delas dizia que iria aumentar o salário mínimo de R\$200,00 para R\$280,00 e em 2003 o valor chegaria a R\$400,00. Além disso, as propostas envolviam: redução das taxas de juros, reforma tributária e expansão da taxa de crédito

. O objetivo era atrelar a sua campanha a uma nova via, se afastando do que Ciro e Lula propunham enquanto oposição e principalmente, se aproximar do eleitorado mais pobre, que estava desempregado e sofria as consequências da política econômica de FHC.

A estratégia foi bem executada, mas falhou no seu principal objetivo: Garotinho até conseguiu convencer o eleitor de que ele era evangélico e diferenciado, mas não conseguiu fazer o Brasil acreditar que ele era mais oposição e principalmente, melhor do que um metalúrgico, para resolver a questão do desemprego.

O emprego, e principalmente a falta dele, foi de fato um ponto central para praticamente todas as candidaturas. Para conquistar o eleitor, os candidatos prometiam um número de geração de novos empregos, exceto um deles: Ciro Gomes



Ciro Gomes, acena ao chegar para último debate do primeiro turno da campanha (Reuters)

O candidato do PPS optou por outra estratégia, segundo ele, o mais importante era que o Brasil fizesse reformas tributárias e previdenciárias, que permitiriam o crescimento nacional. Aliado a isso, ele passou a afirmar que os números prometidos pelos outros candidatos eram irracionais. Em entrevista à Folha de São Paulo, ele afirmou: “Estamos vendo o Lula prometer 10 milhões de empregos. Eu até o absolvo, por sua inexperiência. O Serra, que foi ministro do Planejamento, portanto membro da política econômica, entranhado na mal contada história das privatizações, que tem tudo a ver com os oito anos desse governo, que provocou 11,7 milhões de desempregados, prometer 8 milhões de empregos. Ninguém me viu fazer esse tipo de promessa.”

Ciro Gomes era um político experiente, natural do Ceará, ele venceu sua primeira eleição em 1982, se tornando o deputado estadual mais bem votado da cidade de Sobral, onde morava. Nos anos seguintes, foi eleito deputado por mais um mandato, seguido de prefeito da capital Fortaleza em 1989, governador do Ceará em 1990 e por fim, Ministro da Fazenda do governo Itamar Franco (1994 -1995).

Para tentar ser presidente do Brasil em 2002, Ciro buscou atingir o eleitorado moderado de centro-esquerda. Suas principais promessas de campanha eram: regulamentar a participação dos trabalhadores no lucro das empresas, criar o imposto de Valor Agregado - que reduziria a cobrança tributária, reduzir imposto sobre pessoas físicas, construir 300 mil casas populares, distribuir remédios gratuitamente e por fim, aumentar o efetivo da Polícia Federal.

Seus estrategistas políticos acreditavam que existiria desejo por mudança aliado a um oposicionismo a Lula. O plano para isso seria criticar seus dois principais adversários, Serra recebia as críticas relacionadas ao governo de FH e Lula, de forma bem mais branda, era chamado de despreparado e em alguns momentos, teve suas ideologias de esquerda colocadas à prova. Em sabatina com a imprensa de São Paulo, Ciro afirmou: "Há uma certa cobrança à qual o Lula se rendeu e eu não me rendo. Não estou disposto a vender a alma para ser presidente do Brasil. Acho que quem mentir para a sociedade brasileira está condenado. Até pode se eleger, mas está condenado a sair pela porta dos fundos muito cedo do palácio"

Especialmente no início do primeiro turno, Ciro Gomes teve uma grande ascensão e chegou a, de acordo com as pesquisas, ir ao segundo turno ao lado de Lula. Em 30 de julho de 2002, o Instituto Datafolha indicou, Lula 38%, Ciro Gomes 28%, Serra 16% e Garotinho 11%.

Essa posição fez com que ele passasse a ser o principal alvo da campanha governista, Serra investiu pesado nas críticas e com um "empurrãozinho" dado pela personalidade "explosiva" de Ciro, conseguiu reduzir significativamente - e rápido, as intenções de voto no ex-governador.

Durante agenda de campanha, ao ser perguntado por repórteres, Serra afirmou que as posições de Ciro eram terroristas: "Por exemplo: as posições do Ciro Gomes, absolutamente terroristas. Ele dá números errados da dívida, superestima o crescimento da dívida, diz que a dívida é impagável."

Além das críticas aos projetos e propostas, a campanha tucana foi mais além e apostou na exposição da personalidade incisiva e por vezes agressiva de Ciro. Algumas frases e posturas marcaram profundamente aquela corrida eleitoral:

1. Em jantar com empresários e representantes do mercado, Ciro teria se recusado a dizer quem faria parte do seu plantel econômico e em determinado momento chegou a dizer: **“Estou me lixando para o mercado”**.
2. Ao ser perguntado por jornalistas sobre qual o papel da sua companheira, a atriz Patrícia Pillar, na campanha, ele afirmou: **"A minha companheira tem um dos papéis mais importantes, que é dormir comigo. Dormir comigo é um papel fundamental"**.
3. Durante sabatina na rádio Bahiana, um eleitor afirmou que as propostas de Ciro pareciam de um candidato a presidente da Suíça, no que ele respondeu: **"A Suíça não tem presidente da República, mas primeiro-ministro. São estes petistas furibundos. Isso é para você deixar de ser burro"**.

Apesar das diversas tentativas de sua campanha, a imagem de Ciro como um político agressivo deu certo e impactou negativamente o eleitorado, que passou a descredibilizar o candidato e a resposta veio. Ciro Gomes acabou ficando em 4º lugar ao final daquele pleito e no total, perdeu em 3 meses mais de 11% de intenções de voto.

É muito característico que o primeiro lugar de uma eleição oscile, isso é, perca porcentagem nas pesquisas eleitorais durante a campanha. Isso acontece porque naturalmente quem está em primeiro recebe crítica de todos os lugares e se torna também o nome mais conhecido por toda a população. Lula experimentou o oposto, quanto mais se aproximava do dia da eleição, mais seu nome ganhava força. Em março de 2002 as intenções de voto no candidato petista eram de 29% e já em setembro 45%.

- **Lula**

Lula disputava sua terceira eleição presidencial. Nascido em Caetés, Pernambuco, ele começou sua carreira como operário metalúrgico e sindicalista, fundando o Partido dos Trabalhadores (PT) em 1980. Seu primeiro cargo público aconteceu em 1986, quando foi eleito deputado federal pelo estado de São Paulo com o número recorde de votos. Além de 2002 também já tinha sido candidato em 1989, 1994 e 1998.

Em entrevista ao jornal O Globo antes da corrida eleitoral de 2002, Lula afirmou o seguinte: “Essa será minha primeira campanha profissional, quero ganhar esta eleição e não embarcarei mais nas loucuras anteriores”, outra afirmação feita neste sentido e que marcou sua candidatura aconteceu durante um evento em Manaus, ao falar sobre a disputa entre Ciro e Serra, ele afirmou: “O Lulinha não quer brigar, o Lulinha é paz e amor.”



Lula faz campanha em Palmas (TO) (Rafael Falavigna - FolhaPress)

O Lulinha paz e amor representava a grande diferença e o principal mote da campanha que foi feita por ele em 2002.

Seu nome chegava naquele pleito com chances reais de vencer a eleição e o PT entendeu que para conseguir esse feito histórico, seria importante deixar de lado algumas das ideias e projetos que antigamente compunham o Partido. Segundo ele próprio, era hora de “deixar de vestir o macacão”, como afirmou em entrevista: “Eu me dei conta de que o PT que precisava construir era maior do que o PT de macacão que eu sonhava em construir”.

Para isso, o partido e Lula começaram a se afastar de alguns movimentos sociais, e mudar, ao menos publicamente, algumas das opiniões que foram defendidas em anos anteriores. Por exemplo, em sua primeira eleição, o petista defendeu a suspensão do pagamento da dívida externa, já em 2002, ele assegurou que todos os contratos seriam cumpridos e haveria especial atenção com a questão da dívida.

Um momento importante desses compromissos com o mercado foi a “Carta ao povo brasileiro”, lançada em junho. Na carta, Lula reafirmou seu compromisso com a democracia, a estabilidade econômica e a responsabilidade fiscal. Ele prometia manter os contratos e

respeitar as “regras do jogo econômico”, incluindo o controle da inflação e a preservação do equilíbrio fiscal, como afirma no seguinte trecho:

“Quero agora reafirmar esse compromisso histórico com o combate à inflação, mas acompanhado do crescimento, da geração de empregos e da distribuição de renda, construindo um Brasil mais solidário e fraterno, um Brasil de todos. (...) Vamos ordenar as contas públicas e mantê-las sob controle. Mas, acima de tudo, vamos fazer um compromisso pela produção, pelo emprego e por justiça social.” Carta ao Povo Brasileiro

As principais promessas da campanha de Lula também giravam em torno daquilo que foi apontado na carta: geração de 10 milhões de empregos, crescer 7% ao ano, assegurar que em quatro anos não haverá criança fora da escola, concluir a ferrovia norte-sul, construir farmácias populares e construir plataformas de exploração de petróleo.

Junto com os novos compromissos econômicos, também era importante para a candidatura petista viabilizar o apoio de novos partidos, além dos aliados históricos e siglas mais à esquerda.

A necessidade de mais tempo de TV e rádio e também de recursos, fez com que o PT fizesse uma coligação que reuniu: PT, PL, PCdoB, PMN e PCB. A presença do PL, partido de centro-direita e onde estavam ex-inimigos da esquerda brasileira, foi também fundamental para o consolidar o “novo Lula”.

A campanha do PT também teve muito sucesso em identificar e responder às necessidades do momento vivido pelo Brasil, moldando a imagem de Lula como a esperança de mudança e a solução para o desemprego. As propagandas políticas e discursos foram estrategicamente focados nesses temas, o que se mostrou eficaz: entre os eleitores de Lula 30% citaram suas propostas para geração de empregos como motivo principal para o voto, 29% buscaram mudança, 15% deram um voto de confiança, 12% foram atraídos por suas propostas na área social e 11% simpatizavam ideologicamente com ele.

Assim, a campanha do PT conseguiu projetar Lula como o candidato ideal para enfrentar o desemprego e se posicionar como antítese ao desgastado governo de Fernando Henrique Cardoso.



2º Capítulo

2022

Vinte anos após a eleição de 2002, o Brasil se encontrava novamente em um momento crucial de sua democracia com a eleição de 2022. Naquele ano, o país teve recorde de eleitores, com mais de 156 milhões de aptos a votar, dos quais as mulheres representavam a maioria, 52%. Ainda segundo o TSE, 19% da população tinham ensino superior, e a porcentagem de desempregados no país era de 9%.

O Brasil, havia passado nestes 20 anos por transformações significativas tanto internas quanto externas, e viu emergir um novo cenário político e social. Em 2022, o contexto era marcado pela recuperação econômica pós-pandemia de COVID-19, pelas crises políticas e pela ascensão do fascismo enquanto força política.

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que havia vencido as eleições de 2002, retornou ao cenário político como candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), após um período em que foi vítima de uma prisão arbitrária, que resultou na anulação de sua candidatura quatro anos antes, em 2018. Do outro lado, o atual presidente Jair Bolsonaro, era candidato à reeleição pelo Partido Liberal (PL).

Bolsonaro era a principal figura e a maior representação de um novo tipo de extrema-direita que se consolidava no Brasil e que se caracterizava por ser acessível e popular. As anteriores candidaturas protocolares psdbistas abriram caminho para um novo tipo de força política, muito mais energética e também, perigosa. Carlos Ranulfo Melo afirmou que 2022 foi: “a eleição mais importante de nossas vidas”:

“Ainda que não se saiba o que está por vir, a eleição de 2022 foi a mais importante de nossas vidas. A vitória de Lula não sustou, como se verá, o crescimento da direita parlamentar, mas mudou por completo a dinâmica do processo político e bloqueou a possibilidade de um retrocesso democrático: o Brasil continuará sendo uma democracia na próxima eleição, em 2026”

Ciro Gomes e Simone Tebet

Segundo pesquisa do Instituto Datafolha em julho de 2024, Lula tinha 47% das intenções de voto, seguido por Bolsonaro 29%, Ciro Gomes 8% e Simone Tebet 2%.

Ciro foi candidato a presidente em 2022 pelo PDT, era sua 4ª eleição presidencial e o objetivo dessa vez era se apresentar como “terceira via”, guiando toda sua trajetória eleitoral em críticas tanto a Bolsonaro, como a Lula. O slogan principal de sua campanha “Prefiro Giro”, deixava claro a tentativa de se afastar dos dois candidatos e criar uma possível alternativa à polarização que o país vivia.

Durante convenção nacional do PDT para oficializar sua candidatura, Giro já deu claros sinais do que pretendia, e teceu duras críticas a Lula e Bolsonaro:

“O Brasil chegou a esta situação porque esquerda e direita foram –e são– cúmplices do mesmo modelo. E são incapazes de propor uma saída. De abrir um novo caminho. É por isso que Lula e Bolsonaro querem transformar esta eleição na mais vazia de debates e de confronto de ideias de todos os tempos. O Brasil vive a pior crise de sua história e dois dos principais responsáveis por ela estimulam uma polarização vulgar, personalista e odienta, um alimentando o outro, um agredindo moralmente o outro, reduzindo tudo a uma trágica e ridícula disputa pessoal”



Giro Gomes, campanha política de 2022 (Facebook - Giro Gomes)

As expectativas dos seus apoiadores eram boas, e tinham certo respaldo nas pesquisas eleitorais, onde na maioria ele ficava em 3º lugar e apresentava margens importantes de intenção de voto. Em 2018, sem a presença de Lula e com Haddad, Giro conquistou 12% dos votos e, principalmente, foi apresentado para uma nova geração que ainda não o conhecia.

O plano de governo de Giro se apoiava principalmente na perspectiva econômica, sua candidatura defendia que o Brasil vivia uma emergência que só seria resolvida com profundas reformas. Nesse sentido, suas principais propostas eram: eliminação do teto de

gastos, revisão da reforma trabalhista, redução das isenções fiscais e a implementação de impostos sobre dividendos, fortalecimento da indústria nacional, taxação de grandes fortunas e a imposição de tributos sobre grandes heranças.

Com um plano de governo baseado em questões densas e focadas na agenda econômica, parecia que os estrategistas de Ciro tinham feito a conta de que o apelo popular aconteceria não através das promessas em seus discursos, mas sim da sua transgressão frente aos dois primeiros candidatos.

Em nome disso, durante a campanha, Ciro foi “elevando o tom” de suas críticas a Lula, em muitos momentos chegando a equipar a candidatura do PT com a de Bolsonaro. Em entrevista ao portal Nexo em setembro de 2022, os cientistas políticos Guilherme Casarões e Monalisa Soares afirmaram que essa postura foi a principal responsável para a queda de Ciro:

“O espaço da terceira via sempre foi muito estreito, isso fez com que o Ciro aumentasse o tom dos ataques contra o PT, porque nesse quadro de 2022 caberia a ele conseguir tirar votos do Lula. Isso fez ele perder a perspectiva do que está em jogo nessas eleições, porque qualquer ataque do Ciro ao Lula fortalece o Bolsonaro. De maneira meio desavisada, o pedetista acabou virando cabo eleitoral de Bolsonaro.”

Ao intensificar as críticas contra Lula e o PT na tentativa de conter a migração de eleitores progressistas para o "voto útil", ele acabou, ironicamente, impulsionando essa mesma migração. O resultado foi uma grande desidratação de sua candidatura, que terminou aquele pleito com sua pior votação na história, em quarto lugar e com apenas 3%.

O espaço não ocupado por Ciro permitiu o crescimento de outra candidatura: Simone Tebet, do MDB, recebeu 4% dos votos e terminou aquela eleição com o nome fortalecido.

Simone Tebet nasceu em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, e seu primeiro cargo na política foi enquanto deputada estadual no ano de 2002, dois anos depois, foi eleita prefeita da cidade de Três Lagoas e reeleita em 2008. Deixou o cargo em 2010 para se tornar vice-governadora do estado e por fim, foi eleita Senadora da República em 2014.



Simone Tebet, campanha política de 2022 (Facebook -Simone Tebet)

A viabilização da sua candidatura foi conturbada e exigiu uma série de movimentações políticas internas. Além de precisar se apresentar para o Brasil, já que segundo pesquisa do DataFolha de maio de 2022, 70% dos eleitores afirmaram desconhecer a senadora, ela também precisava convencer os dirigentes partidários.

As lideranças do seu partido, o MDB, se dividiram em torno de duas principais estratégias, uma defendia sua candidatura, desde que o PSDB indicasse o vice, criando uma chapa atrativa para os eleitores da tradicional direita brasileira. Porém havia também aqueles que queriam apoiar Lula já no primeiro turno, como defendido por 11 dirigentes estaduais durante evento em São Paulo, em que o senador Eduardo Braga (MDB-AM) afirmou:

“Nós temos 11 estados representados do MDB comprometidos com o projeto de Brasil que queremos. Estamos aqui para dizer, aos companheiros aqui presentes e à imprensa, sobre a nossa decisão de caminhar com a candidatura Lula e Alckmin desde já no primeiro turno”.

A pressão não surtiu efeito e mesmo com a divisão interna, Tebet foi candidata e reivindicou o papel de um outro tipo de direita, que não se sentia representada por Bolsonaro. Suas principais promessas de campanha eram: a criação de um programa permanente de transferência de renda voltado para as famílias mais vulneráveis, a recuperação da liderança do MEC na coordenação das políticas educacionais, renovando o Plano Nacional

de Educação e a criação da "Poupança Mais Educação" para incentivar jovens de baixa renda a concluírem o ensino médio.

A intensa polarização que dominou o cenário político brasileiro naquele ano limitou a capacidade de Tebet de converter o seu bom desempenho naquele pleito em votos significativos, tendo atingido apenas 4% e terminando em terceiro lugar. No entanto, o resultado foi positivo, ela passou a ser conhecida do grande público e se firmou como um nome importante da política nacional.

- **Lula e Bolsonaro**

Jair Bolsonaro disputou uma eleição pela primeira vez em 1989, quando se candidatou a vereador da cidade do Rio de Janeiro. Sua popularidade vinha da sua carreira no exército e principalmente, da forma como ele deixou o posto, reivindicando aumento de salário publicamente a Veja e sendo punido pela corporação por planejar um atentado a bomba em instalações militares, como manifestação por melhores condições de trabalho. O episódio rendeu uma prisão de 15 dias e um aumento expressivo na sua popularidade na cidade do Rio de Janeiro.

Dois anos depois, em 1991, trocou o cargo de vereador pelo de Deputado Federal, por onde permaneceu por 7 mandatos e 28 anos. Sua trajetória como deputado foi marcada por "picos de popularidade", que aconteciam através de declarações marcantes que chamavam atenção da imprensa, a primeira delas aconteceu em 1999, em entrevista ao programa da Band Rio, o então deputado Jair Bolsonaro defendeu o fechamento do Congresso Nacional e incitou uma guerra civil no país, além de sugerir o fuzilamento de políticos, incluindo o então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso.



*Jair Bolsonaro posa para foto com a bandeira do Brasil na frente de seu gabinete na Câmara dos Deputados
(Arquivo Pessoal/Veja)*

As suas declarações se destacavam por conta da ausência do seu trabalho enquanto Deputado, durante 28 anos apenas dois Projetos de Leis de sua autoria foram aprovados, ele nunca exerceu um papel de liderança nos partidos que fez parte e também nunca assumiu cargos no governo federal ou posições de destaque na Câmara. Sua popularidade acontecia através de seus posicionamentos, em especial os contra a comunidade LGBTQIA+ e a favor da Ditadura Militar, que garantiam exposição e atraíam para ele, milhares de apoiadores.

A primeira vez que Bolsonaro falou em ser presidente da república foi em 2015, ele já tinha iniciado um projeto de construção de comunidade em torno de seu nome nas redes sociais, em especial no Facebook. Bolsonaro decidiu então que era hora de tentar voos maiores e em 2015 decidiu deixar o seu partido da época, o PP, alegando que ali não teria espaço, como ele afirmou em entrevista ao Uol: "Foi um pedido verbal, mas oficial. A gente começa aí um processo de separação, que espero que seja amigável. Tenho um sonho para 2018 de disputar o cargo de senador ou presidente da República. No partido onde estou, dificilmente serei candidato para o Senado. O que sinto é que eles querem uma opção diferente para 2018".

O que iniciou em 2015, só cresceu nos anos seguintes, com a postura de pré-candidato a presidente, Bolsonaro viu suas redes sociais explodirem. Segundo reportagem da Folha de S. Paulo feita em 2017, Bolsonaro tinha em março de 2015 1.179.000 de curtidas na sua página no Facebook, dois anos depois, já eram 3.266.000, já seus posts alcançavam em média 38 milhões de pessoas e os vídeos 8 milhões.

Ainda em entrevista à Folha, o cientista político José Álvaro Moisés, explicou este fenômeno afirmando que a ascensão de Bolsonaro era uma rejeição à política tradicional e uma crise da popularidade política das elites

“Bolsonaro é expressão de um fenômeno popular que tem um componente de crítica às instituições e aos políticos, relacionada à crise de representação no País e à rejeição a temas identitários e de direitos humanos, que teve um alento internacional por causa da eleição do Trump, do Brexit. Isso decorre de uma crise das elites em um certo sentido. As elites tradicionais perderam a capacidade de mobilizar a sociedade.”

Em 2018 o fenômeno saiu das redes sociais e se comprovou, com Lula fora da disputa eleitoral, Jair Bolsonaro se tornou presidente da república, vencendo Fernando Haddad.

Os quatro anos de seu mandato foram marcados pela pandemia de Covid-19, que chegou ao Brasil em fevereiro de 2020, ainda no começo de seu governo. Junto da pandemia veio a necessidade do isolamento social, que mudou profundamente os rumos de todos os índices de governança do país, naturalmente o desemprego aumentou, a saúde, educação e alimentação da população pioraram e em contrapartida a esse caos social, Bolsonaro foi ausente.

Ao mesmo tempo que a pandemia trazia um cenário de guerra e afetava qualquer possibilidade de crescimento ao país, ela tinha a contrapartida de aproximar o governante da população, já que era do governo que as pessoas esperavam posicionamentos e principalmente ajuda para enfrentar um momento tão difícil.

Bolsonaro fez o contrário, negou veemente a seriedade do vírus no começo da pandemia, chegando a fazer um pronunciamento oficial na TV chamando a doença que já matava milhares de pessoas de “gripezinha”, demitiu ministros da Saúde que discordavam de seus posicionamentos e ficou, a maior parte da crise, com um militar no exercício da função.

O que parecia guiar suas atitudes era a crença em diversas notícias falsas que foram veiculadas sobre a Covid. O desconhecimento de toda a população sobre aquela doença, inclusive dos especialistas, abriu brecha para que surgissem diversas fake-news que buscavam minimizar os efeitos do vírus e criar soluções mágicas, como remédios e

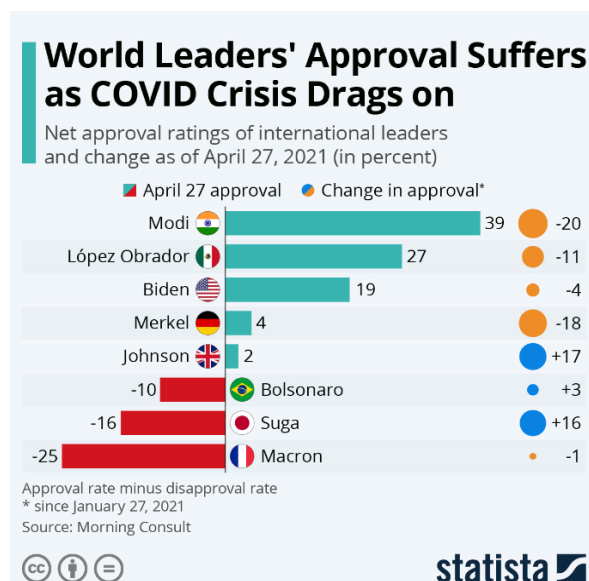
tratamentos ineficazes. Até mesmo a vacina, tratada pelo mundo todo como máxima prioridade, foi não só ignorada pelo governante, como ele fez campanha contrária.



Bolsonaro faz defesa ferrenha de remédio sem comprovação, Cloroquina (Carolina Antunes / Fotos Públicas)

O resultado foi drástico e o Brasil figurou boa parte da pandemia entre os três países onde aconteceram mais mortes, sendo no total dos 3 anos (20,21 e 22) quase 700 mil pessoas mortas em decorrência da doença.

Ainda em 2020, o Washington Post apontou que Jair Bolsonaro era o pior gestor da pandemia do mundo. Em levantamento realizado pelo Morning Consult, que compilou os índices de aprovação de chefes do Executivo de 13 países desde 27 de janeiro de 2021, Bolsonaro era um dos poucos que registrava declínio mesmo com a pandemia.



As pesquisas nacionais também apontavam o mesmo, desde que começou a pandemia, o ex-presidente nunca mais atingiu os 59% de aprovação que tinha no início de seu mandato e chegou a atingir, no auge da queda de sua popularidade, apenas 19%.

Para buscar a reeleição, Bolsonaro enfrentava um cenário bem diferente do vivido por ele em 2018, agora ele não era mais um “outsider”, alguém de fora do jogo político, era o atual presidente e sua influência se traduzia ao redor da estrutura de sua candidatura.

Sua campanha tinha o apoio de 5 partidos: PL, PP, Republicanos, PSC e PTB e o segundo maior tempo de TV, além do maior número de doações de campanha - R\$108,2 milhões de reais.

Em 2018 sua eleição foi sustentada, em partes, pela mudança que ele traria a um cenário político bastante conturbado, se apoiar no fato de ser um elemento novo foi fundamental.

Em 2022, Bolsonaro precisava fazer o contrário, era importante mostrar para a população os seus feitos enquanto presidente e justificar que ele merecia mais quatro anos.



Jair Bolsonaro, campanha política de 2022 - Wikipedia

Para isso, suas principais promessas de campanha eram: manter o auxílio ao Brasil em R\$600,00 reais, ampliação do acesso às armas de fogo e fortalecimento da segurança pública, consolidação do ajuste fiscal, privatização da Petrobras e outras estatais e estímulo à mineração e ao agronegócio.

Bolsonaro tinha pela frente um país com baixos índices econômicos e uma população que saiu extremamente fragilizada da pandemia. Sua campanha sabia disso e o primeiro slogan que ele exibiu em seu programa eleitoral, foi: “Sem pandemia, sem corrupção e com Deus no coração, ninguém segura esse novo Brasil”, o objetivo era atribuir o momento negativo que o país vivia a fatores externos.

Outro fator importante, a ser combatido por sua campanha, eram os grandes índices de rejeição, em especial com as mulheres, segundo pesquisa do Ipec realizada em setembro de 2022, 54% das eleitoras diziam que não votariam de jeito nenhum no candidato à reeleição, e em todos os estados do Brasil, mulheres eram a maioria entre aqueles que reprovavam seu governo. Bolsonaro também enfrentava uma dificuldade de crescer para além da sua base.

Como resposta a esses cenários negativos, Jair Bolsonaro usou e abusou do fato de ter a máquina e a caneta ao seu lado.

Segundo reportagem produzida pelo UOL em outubro de 2022, ao todo foram destinados R\$ 21 bilhões em repasses de dinheiro direto para eleitores beneficiários de programas sociais. Para fazer isso, foi alterado sete pontos nas regras que definiam a entrega dos benefícios, fazendo com que os valores e os beneficiários aumentassem e também que as remessas fossem pagas próximas aos dias de votação.

Segundo Flávia Biroli, professora da Universidade de Brasília (UnB), em entrevista à BBC Brasil, a estratégia até funcionou, mas não foi suficiente:

"O governo fez apostas, como se recusar a comprar vacinas e a fazer uma gestão científica da pandemia, que custaram caro para muitas pessoas. Elas sentiram as consequências na pele, viveram momentos de muita dor e insegurança, enquanto o principal governante do país se negou a atuar para produzir um sentimento de enfrentamento coletivo da tragédia. (...) O uso da máquina pública pelo governo Bolsonaro foi além de tudo que conhecíamos, dispondo de recursos públicos às vésperas da eleição de uma forma que só foi possível com uma emenda constitucional, e concedendo empréstimo consignado atrelado ao Auxílio Brasil de forma absolutamente irresponsável".

O Jair Bolsonaro candidato à presidência de 2022 carregava seus milhões de apoiadores, tinha uma legião nas redes sociais e sabia a potência das fake-news para ajudar a ganhar uma eleição, porém, trazia também consigo a morte de milhares de pessoas e principalmente, a memória dos familiares que ficaram e não perdoaram. Combinado a isso, sua reeleição tinha pela frente um dos políticos que mais conseguiu conquistar o afeto do brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva.

Depois da eleição de 2002 e tendo dois bem sucedidos mandatos, Lula passou a ser o símbolo de uma era de progresso social e econômico para muitos brasileiros. Com ele, milhares chegaram à universidade, conquistaram a casa própria e tiveram melhoras importantes em sua qualidade de vida. No entanto, entre os 12 anos que separam o último mandato de Lula e a possibilidade de reeleição de Bolsonaro, está uma intensa crise democrática e política vivida pelo país.

Depois de 2010 Lula indicou sua sucessora, Dilma Rousseff, que teve dois mandatos enquanto presidente da república do Brasil. Se os governos Lula foram marcados por um contexto econômico favorável, com a baixa do dólar, o controle da inflação e o aumento do poder de compra da população, Dilma já enfrentou um cenário mais turbulento economicamente e com crises internacionais.



Lula e Dilma em 2014 (Ricardo Stuckert)

Entre 2010 e 2016, ano em que Dilma foi impeachmada, o Brasil saiu de 4% de desempregados para 8% e a inflação passou de 5% a 9%. Parte importante da existência desses números se deve a crise política que o Brasil estava inserido, nos seus 8 anos de governo Lula se tornou um grande senso comum político, seu bom governo fez com que ele se tornasse um aglutinador de votos e tivesse alinhados importantes no congresso e no senado, isso trouxe uma capacidade de governança, inclusive para solucionar crises, que Dilma nunca experimentou.

Até mesmo Michel Temer, um dos principais articuladores do impeachment, afirmou em 2022 durante entrevista ao portal Uol, que Dilma caiu por suas dificuldades de relacionamento:

“Não acho que houve golpe. Eu quero dizer que a ex-presidente é honesta. Eu sei, e pude acompanhar, que não há nada que possa apodá-la de corrupta. Ela é honestíssima. Mas houve problemas políticos, ela teve dificuldades no relacionamento com a sociedade e com o Congresso Nacional. Esse conjunto de fatores levou multidões às ruas.”

Durante os problemas econômicos e políticos, diversas manifestações populares aconteceram, inicialmente as que ficaram conhecidas como “jornadas de junho”, com menos organização política. E posteriormente movimentos de rua organizados que pediam o impeachment e pareciam formar uma nova direita no país. Alinhado a isso, Dilma, enquanto a primeira mulher presidente da história, passava por uma crise de imagem, que era em partes perpetuada por episódios machistas - inclusive por parte de grandes veículos de imprensa brasileira.



O impeachment aconteceu em agosto de 2016 e foi o primeiro de uma série de eventos históricos que marcaram a democracia brasileira e culminaram com a eleição de 2022.

Outro fator importante nesta conjuntura foram os escândalos de corrupção que dominaram o noticiário brasileiro, tornando-se parte intrínseca da vida política. Os mais conhecidos foram o Mensalão e, posteriormente, a Lava Jato. Essas operações inicialmente tinham como objetivo investigar a relação entre o poder público e empresas privadas, buscando identificar possíveis benefícios políticos indevidos e desvios de dinheiro.

Porém, por conta da grande repercussão dessas investigações, os responsáveis por conduzi-las passaram a ter interesses políticos próprios. O que inicialmente eram instrumentos de investigação e combate à corrupção se transformaram em ferramentas políticas, muitas vezes utilizadas para remover adversários do cenário público.

Reportagem escrita pela Revista Piauí em março de 2020 revelou que dez anos antes de iniciar a Lava Jato, Sérgio Moro, seu principal representante, já tinha declarado num artigo publicado no Centro de Estudos Judiciários do Conselho da Justiça Federal, denominado “Considerações sobre a Operação Mani Pulite” (Operação anticorrupção italiana), o que considerava ser essencial numa operação como essa, segundo a Revista:

“Seria preciso se valer dos mesmos instrumentos utilizados por promotores e juízes italianos: tanto a prisão preventiva como método para estimular delações premiadas quanto o vazamento para a imprensa de dados da investigação, a fim de angariar apoio popular para a operação. Isso, porém, podia, “no máximo, interromper o ciclo ascendente da corrupção, pois, na visão do Moro de 2004, o combate principal consistia em atacar as causas estruturais do problema. Segundo ele, sem reformas profundas que resolvam problemas relativos à ineficiência da atividade pública, às relações de clientelismo e à complexidade das regras e processos, não será possível evitar que, após o fim de uma ampla investida judicial, “o mercado da corrupção se expanda novamente”.

Como apontou em seu artigo, Moro desejava muito mais do que punir aqueles que tivessem cometido crimes, ele queria promover uma revolução na política brasileira, e no meio desse processo, deixou de lado o ordenamento jurídico. Em entrevista ao Nexo Jornal em 2022, a juíza federal e pesquisadora Fabiana Alves Rodrigues, afirmou:

“No caso específico do núcleo paranaense da Lava Jato, além dessa dimensão institucional, ficou muito claro que a operação só foi possível porque houve uma espécie de parceria da Justiça com o Ministério Público, principalmente na gestão dos processos judiciais e nas escolhas deliberadas com a finalidade de produzir os resultados pretendidos pela acusação, que basicamente eram constranger operadores financeiros e empresários a assinar acordos de colaboração premiada para atingir os reais alvos da operação, os políticos e, principalmente, o ex-presidente Lula.”

As ações penais envolvendo Lula iniciaram em 2016, quando Sérgio Moro aceitou a denúncia do MPF e tornou Lula réu pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Ele foi acusado de receber R\$3 milhões de reais em suborno, cujo repasse seria feito pela empreiteira OAS em forma de melhorias e reformas em um triplex no Guarujá. Posteriormente, Moro também aceitou nova denúncia da Lava Jato contra crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Dessa vez, ele foi acusado de receber propina da Odebrecht com a compra de um apartamento em São Bernardo e um outro em São Paulo.

Em 2017, mais uma denúncia da Lava Jato foi aceita, mas agora referente ao sítio de Atibaia. Segundo a acusação, o ex-presidente se beneficiou de um milhão de reais em reformas no imóvel. Lula foi condenado em fevereiro de 2019, quem assinou sua condenação não foi Sérgio Moro, que já tinha deixado a operação para assumir o cargo de Ministro da Justiça de Jair Bolsonaro.

Em agosto do mesmo ano aconteceram as reportagens investigativas do site “The Intercept Brasil”, que revelaram mensagens trocadas entre integrantes da operação Lava Jato, onde fica claro a relação entre o ministério público e Sérgio Moro. A falta de um julgamento justo e a ausência de provas se tornou evidente, e após 580 dias, Lula foi liberado.



Apoiadores na saída de Lula da cadeia. (Francisco Proner/Farpa Coletivo)

A saída de Lula da prisão representava um novo momento para a democracia brasileira. Em dezembro o instituto de pesquisa Vox Populi, revelou que 68% da população acreditava que Lula teria vencido as eleições de 2018 se tivesse participado e ainda de acordo com a pesquisa, numa possível disputa entre Lula e Bolsonaro, o petista venceria com 51%.

Em sua terceira disputa eleitoral à presidência, Lula reuniu em 2022 o seu maior número de partidos em uma coligação, sendo eles: PT, PCdoB, PV, PSB, PSOL, Solidariedade, Rede, Avante e Agir.

O seu plano de governo focava na retomada do crescimento econômico com justiça social, combate à fome e redução das desigualdades. Ele propunha revogar o teto de gastos, reformar o sistema tributário, revogar a reforma trabalhista de 2017 e criar novos direitos para trabalhadores informais. Também propunha a criação de políticas de proteção ao meio ambiente e iniciar a transição para uma economia verde, comprometendo-se com o combate ao desmatamento e a valorização dos povos indígenas. Além disso, seu plano de governo trazia destaque para políticas de fortalecimento da democracia, garantia dos direitos das minorias e promoção da igualdade de gênero e racial.



Lula campanha política de 2022 (Facebook - Lula)

Grande símbolo da frente ampla montada por Lula para a eleição foi a escolha do seu vice, Geraldo Alckmin, ex - PSDB e adversário histórico do PT em diversas eleições, incluindo em 2006, quando ambos disputaram a presidência. O slogan oficial da campanha, “Juntos Pelo Brasil”, também deixava claro o foco que o petista traria da união entre diferentes espectros políticos, em uma só candidatura.

A proteção de valores democráticos era o pilar dessa engrenagem, em agenda de pré-campanha em 2022, Alckmin afirmou: “O Brasil precisa de Lula para salvar a democracia”.

A ideia era não só dar protagonismo para uma agenda democrática, e conquistar novos apoios, mas também consolidar a ideia de que o ex-presidente era um “remédio” necessário para retomar o Brasil.

O prestígio internacional de Lula, era parte importante dessa imagem, enquanto Bolsonaro tomou medidas que fizessem com que o Brasil se tornasse um pária internacional e estivesse de fora de discussões importantes nos últimos anos, o petista tinha uma inegável relevância internacional, fruto da sua boa articulação e dos feitos de seus governos.

Nesse sentido também, seus apoiadores e interlocutores da campanha faziam questão de lembrar a capacidade de Lula de dialogar e seu bom relacionamento com o congresso. Segundo ele próprio, em entrevista em 2022,

“Nós vamos conversar com o Congresso. E vamos discutir com o Congresso o que que a gente vai fazer para voltar à normalidade. Não é normal o Congresso querer administrar o orçamento. O orçamento é administrado pelo poder Executivo. Nós temos que voltar à normalidade. E sinceramente, eu não tenho nenhuma preocupação de conversar com o (presidente da Câmara dos Deputados, Arthur) Lira e com o (presidente do Senado, Rodrigo) Pacheco para a gente discutir esses assuntos.”

A expressão “voltar a normalidade” traduz bem aquilo que a campanha de Lula desejava imprimir na mente do eleitor. O Brasil não vinha bem e atravessava uma crise política e econômica intensa, a solução para esse momento conturbado seria recuperar aquilo que já deu certo. Com isso, o PT desejava ampliar sua margem de votação para além da sua já tradicional base, conquistar votos daqueles que até embarcaram na aventura de Bolsonaro quatro anos atrás, mas estavam dispostos a mudar drasticamente.

3º Capítulo

Receita antiga, público novo

Se em 2002 Lula precisou mudar sua estratégia de campanha e adotar um tom mais neutro, em 2022, para impedir a reeleição de Bolsonaro, era preciso dobrar a aposta na construção de um tom conciliador. Como ele mesmo afirmou em entrevista ao SBT, durante a campanha presidencial de 2022: “Eu quero paz e amor. Lulinha paz e amor voltou com força total”.

Ambas as eleições eram “plebiscitos” daqueles que estavam no poder, foram a oportunidade da população avaliar o que foi feito e decidir pela continuidade ou não desse projeto. Em 2002, José Serra enfrentava o ônus das má decisões tomadas por seu colega, Fernando Henrique Cardoso, e vinte anos depois, Bolsonaro precisava lidar com seus próprios erros do passado.

O papel de Lula nos dois casos era o de se apresentar como oposição, a possibilidade de mudar os rumos do país. No entanto, era fundamental que esse movimento fosse o menos disruptivo possível, que promovesse sim novos rumos, mas que não pregasse uma ruptura com o sistema vigente, isso porque o mais importante era conquistar votos para além do eleitorado de esquerda.

2002

Em pesquisa realizada pelo Cesop (Centro de Estudos da Opinião Pública) em 2002, a posição no espectro ideológico da população brasileira, era dada por: 26% de esquerda, 18% centro, 39% direita e 16% outros/não sabe. Outro paralelo feito por Singer (2012), era de que o número de apoiadores de direita aumentava nas classes mais baixas. Até 2002, o melhor desempenho de Lula havia sido em 1994, quando figurou melhor entre os seguintes eleitores: estudantes, assalariados registrados com escolaridade secundária ou superior e entre funcionários públicos.

Ou seja, diferente do que se pode imaginar, uma boa parte da classe média estava com Lula, a diferença estava nas classes mais baixas, como explica Singer:

“Lula contava com menos intenções de voto entre os eleitores de renda mais baixa do que entre os de renda superior. (...) Em suma, a base social de Lula e do PT

expressava a esquerda numa sociedade cuja metade mais pobre pendia para a direita. É só depois de assumir o governo, que Lula obteve a adesão plena do segmento de classe que buscava desde o início.”

O voto ideológico era portanto fundamental na eleição de 2002, o desafio da candidatura petista era derrubar as estratégias usadas por seus adversários em anos anteriores. Collor em 1989 falou da “ameaça comunista” e FHC nas eleições de 1994 e 1998 alegou que havia uma forte crise internacional, da qual Lula não daria conta. A campanha focou então em conquistar o voto desse eleitorado tradicionalmente de direita, afastando a sua candidatura de uma ideia de “caos social”, atrelada com frequência a esquerda.

Em campanha exibida na TV, o marqueteiro político de Lula, Duda Mendonça, explorou essa ideia através de máscaras de personagens de filme de terror que diziam: “O PT é o partido da bagunça”, “Não vote no PT”, “O PT é o partido da greve, da desordem” e eram contrapostos por uma atriz, que afirma: “É isso que eles fazem para amedrontar o povo. Na verdade, quem tem medo do PT são eles.” Em trecho de bastidores da campanha, Duda consolida essa ideia:

“Quem é que a gente quer conquistar? É uma fatia muito pequena de 3 a 5% que são quase Lula. Para esse eleitorado a gente precisa tomar um cuidado especial com a sua postura, por exemplo, pra essa margem de pessoas o Lula sindicalista espanta, você precisa ser o ex-sindicalista. Ele quer o líder, o otimista e o que vai dar um jeito no Brasil, que não agride ninguém.”

Para isso, Lula se utilizou da ideia de união. Deixou de ser o candidato da esquerda ou dos mais pobres e passou a ter o objetivo de representar a todos, deixando esse movimento claro não só em suas peças de campanha e em debates e eventos públicos, mas também em movimentos importantes, como a Carta ao Povo Brasileira e a escolha de José Alencar para seu vice.



Lula campanha política de 2002 - (Centro Sérgio Buarque de Holanda)

Outro aspecto fundamental de construir uma aliança nacional ao redor de Lula, foi a presença massiva de artistas e intelectuais. Segundo reportagem da Folha de São Paulo de maio de 2002, em evento de pré-campanha que foi organizado no Rio de Janeiro e reuniu nomes como: Gilberto Gil, Chico Buarque, Caetano Veloso, Paula Lavigne, Djavan, Wagner Tiso, o rapper MV Bill e o empresário de grupos de hip hop Celso Athayde, Lula falou que era importante construir uma “grande aliança econômica e cultural”.



Lula com artistas, em 2002: – (Wilton Junior/conteúdo padrão)

2022

Em 2022, segundo pesquisa do Instituto Datafolha, 49% dos eleitores se identificam enquanto de esquerda, sendo que destes 32% de centro-esquerda, seguido de 34% direita, 24% centro-direita e 17% Centro.

Ainda de acordo com Singer (2012), após os bem sucedidos mandatos e avanços significativos em conquistas para os mais pobres, Lula havia deixado para trás a ideia de radical e conseguiu uma importante penetração em eleitores de baixa renda. O desafio agora, era recuperar uma parcela da classe média que se decepcionou com os escândalos de corrupção associados ao PT. Segundo Singer,

“Lula teria deixado um eleitorado tipicamente urbano e escolarizado por um francamente popular. Em 2006, o petista obteve seu desempenho mais notável nas regiões menos desenvolvidas e o seu alvo, passou a ser o sudeste e o sul”.

Ainda segundo o Datafolha, em maio, Lula tinha mais de 50% dos votos do Nordeste e mais de 40% no Norte. No Sudeste e no Centro-Oeste, o número oscilava, mais de 30%.

A campanha podia então trabalhar com a certeza do eleitorado tradicional, que eram os mais pobres e a classe média que se identificava enquanto de esquerda. Ficava claro então, que a diferença nesses números viria através do eleitor não típico, aquele que por alguma razão, rejeitava Lula. Se em 2002, a classe média representou um apoio importante, em 2022 ela foi um dos quadros mais difíceis. Jair Bolsonaro liderava a pesquisa de intenção de votos entre os eleitores que ganhavam de dois a cinco salários mínimos, com 43%.

A estratégia foi recuperar aquilo que já tinha sido feito, mas dessa vez, seria dado um passo ainda maior para o centro. A eleição deste ano tinha pela frente não mais o desafio econômico de 2002, quando foi preciso se alinhar a empresários e ao mercado. Jair Bolsonaro trazia o aspecto ideológico ao extremo e exigia que o PT fosse ainda mais centrista.

Para isso, a campanha voltou vinte anos depois, a falar de “união” e a trazer o simbolismo de um Brasil unido ao redor de uma mesma ideia. O aspecto novo, trazido pela conjuntura, era a defesa da democracia, muito presente na campanha e principalmente nos discursos proferidos pelos apoiadores não tradicionais, como: Simone Tebet, Geraldo Alckmin, Henrique Meirelles e até mesmo, Fernando Henrique Cardoso.



Grupo de ex-presidênciais com Lula - (Poder 360)

A crise institucional e o perigo anti-democrático, era responsável por um Lula “menos paz e amor”, como afirma o Cientista Político e professor da UNB, Lúcio Rennó, em entrevista à BBC Brasil,

“A disputa com Bolsonaro vai exigir posições mais firmes de Lula. Em 2002, ele enfrentou José Serra, mas a natureza do embate era diferente. Em 2006, ele foi atacado por conta do mensalão, mas ele era presidente. Não cabia ele ir para o ataque. Agora, Lula deverá ser atacado e o embate será muito acirrado. Não tem como se manter ‘paz e amor’ o tempo todo em um cenário tão polarizado”.

Em propaganda eleitoral gratuita, exibida em setembro de 2022, o PT acirrava as críticas, e dizia que iria “falar a verdade sobre Bolsonaro”, na peça publicitária, o ex-presidente é chamado de “mau militar”, “deputado omissivo”, “apoiador de tortura”, “desonesto”, “agressivo com as mulheres” e “incapaz”. A face polarizada dessa eleição se mostrava decisiva e um pilar importante era, além de conquistar novos eleitores, desmoralizar a campanha adversária.

Era fundamental dominar o debate público e se manter firme nas discussões ideológicas propostas por Bolsonaro. No entanto, Lula seguia precisando perseguir a mesma ideia feita em 2002. Ou seja, conquistar o eleitor moderado e que agora, em 2022, ele estava nas classes médias.

Para isso, as propostas foram adaptadas e Lula falava com frequência em temas importantes para essa parcela do eleitorado, como: aumento do salário mínimo acima da inflação, propostas para endividamento, atualização da tabela do Imposto de Renda e soluções para os comerciantes e micro-empresários.



Peça publicitária “No tempo do Lula” - [Youtube](#)

Já no horário eleitoral em rádio e TV, a estratégia era relembrar os eleitores indecisos, dos “tempos de Lula”, principalmente falando sobre geração de emprego. Peça publicitária exibida em agosto de 2022, falava sobre o “Tempo do Lula”, comparando a diferença entre os valores do gás, gasolina e alimentação. Ao final da propaganda, o PT exibiu a nova gravação do jingle “Lula Lá”, que marcou a campanha de 2002 e ganhava uma nova versão, que também trazia o apoio massivo de artistas e intelectuais na campanha.



Artistas com Lula em 2022 - (Portal Metr poles)

4° Capítulo

A certeza de viver a história

Ponto de semelhança inegável entre as eleições de 2002 e 2022 era que nos dois períodos se estava escrevendo uma parte importante da história da democracia brasileira. Em um país com mais de duzentos milhões de habitantes, o simples ato do voto representativo, já é histórico e deve ser celebrado.

No entanto, nas duas eleições estudadas, o povo brasileiro tomou a decisão de romper com o sistema vigente, optou por um novo ciclo histórico e redesenhou a política no país. Para entender a importância de ambos os momentos, é fundamental destacar como a população se sentiu parte dele. Optar por um novo ciclo político gerou uma atmosfera singular, onde a população se via como parte de um processo histórico em construção.

A mobilização popular foi essencial para a conquista das duas eleições. Em 2002 o desejo de mudança e justiça social estava impregnado na cabeça do brasileiro, que sofria especialmente com os altos índices de desemprego e vivia os abismos sociais e econômicos que existiam no país. O projeto político petista oferecia então a possibilidade de um futuro mais justo, com a promessa de combate à desigualdade e à pobreza. A figura de Lula personificava essa esperança de ascensão social. O voto em 2002 foi, portanto, carregado de expectativa por mudanças estruturais.

Já em 2022, a situação era igualmente tensa, mas de outra ordem. O país enfrentava uma polarização política intensa, marcada por discursos de ódio, desinformação e o avanço de pautas conservadoras. O fascismo, havia se tornado uma ameaça palpável, e a eleição de Lula representava, para muitos, a única saída para restaurar a democracia e frear o autoritarismo. O fato de Lula ter sido preso e, em seguida, libertado, intensificou o caráter simbólico de sua candidatura, tornando-o, mais uma vez, a esperança de um novo ciclo histórico.

Evidencia-se, portanto, que os cenários eleitorais de 2002 e 2022 transcendem a burocracia das campanhas, convertendo-se em momentos de participação cidadã intensa, nos quais uma parcela significativa da população não via aquelas eleições como mais uma, mas como marcos históricos. Cada voto parecia carregar o peso de decisões cruciais para o futuro do país, refletindo a percepção de estar vivendo um momento singular na história política

A construção desse cenário também passou pela grande mobilização de artistas, intelectuais e de setores que não tradicionalmente apoiavam a esquerda e as candidaturas petistas, mas que decidiram votar em Lula. Esse fenômeno é fundamental para os dois pleitos e foi conquistado em 2022 através da defesa da democracia, que mobilizou uma frente ampla. Partidos de centro, junto a figuras públicas que, embora não concordassem plenamente com Lula, reconheceram a ameaça representada por Bolsonaro.

Em 2002, um fator determinante para a eleição de Lula foi a adesão de uma parcela do eleitorado que, após os ajustes na imagem do candidato com a famosa campanha do "Lula Paz e Amor", passaram a ver nele uma alternativa viável para a presidência.

O "Lula Paz e Amor" surgiu como um símbolo de compromisso com a governabilidade e a estabilidade, o que levou muitos a acreditar que uma transição para um governo petista poderia ocorrer sem rupturas drásticas. Essa estratégia, aliada ao carisma e à trajetória pessoal de Lula, ajudou a consolidar o apoio de um eleitorado que via, naquele momento, a oportunidade de promover uma justiça social moderada. Singer definiu que "Em 2002 as dimensões relevantes para entender o voto no candidato Lula foram o auto-posicionamento ideológico do eleitor, a avaliação do desempenho do governo de Fernando Henrique Cardoso, e a simpatia do eleitor com o candidato Lula."

Com a confirmação da vitória em ambos os pleitos, houve uma validação desse sentimento, de presenciar mais um capítulo da história da democracia brasileira, com a postura adotada pela imprensa na época. Em 2002, o jornalismo brasileiro tinha dois curiosos fatos para destacar: Lula derrotou Serra no dia de seu aniversário e conseguiu uma votação recorde com o maior número de votos em uma eleição presidencial.



Comemoração da vitória de Lula na Av Paulista 2002 - (Centro Sérgio Buarque de Holanda)



O jornal O Globo trazia em destaque o uso das cores verde e amarelo, com uma grande foto do novo presidente dominando a capa. A imagem escolhida refletia fortemente o sentimento vivido pela nação naquele momento: um líder que emergiu do povo, em sintonia com a população. Já o correio Braziliense destaca na capa o sentimento de mudança e a importância democrática daquela conquista: “Lula chega lá, espanta o mundo e dá esperança aos latino-americanos e às esquerdas de todos os continentes de que é possível diminuir as distâncias que separam os ricos dos pobres com prudência democrática, sem movimentos bruscos”



Na capa da *IstoÉ*, a imagem de Lula está sobreposta à bandeira do Brasil, garantindo uma posição central a ambos. A chamada "Como será o Brasil do novo presidente" sugere uma expectativa sobre o futuro, o tom é de otimismo, reforçado pelo sorriso confiante de Lula. Já na capa da *Veja*, o destaque vai para o título "Triunfo histórico", que reconhece a importância eleitoral daquela vitória. Já a legenda menciona os desafios que Lula enfrentará para "não colocar em risco as conquistas de FHC".

Em 2022 destaca-se: a união nacional, o discurso de Lula sobre a importância de unir o país, outros resultados eleitorais como governadores e também a reação da imprensa internacional.



A Folha de S. Paulo, enfatiza o retorno de Lula à presidência após dois mandatos anteriores, realçando o caráter histórico desse triunfo. A foto central mostra o presidente eleito ao lado de apoiadores celebrando a vitória, com bandeiras do Brasil ao fundo, transmitindo uma imagem de união e comemoração. Já o Estado de S. Paulo, destaca o discurso do presidente eleito, que, ao reconhecer a polarização do país, chama por união e pacificação. A imagem de Lula com apoiadores é similar à da Folha, capturando a celebração do resultado, mas o destaque textual está nas palavras conciliatórias de Lula.



O Jornal Extra remete ao retorno do ex-presidente ao cargo, sugerindo uma continuidade de seu legado político. A legenda aponta o fato de que se tratou da “eleição mais apertada da história”, e traz um relato de Lula: “Tentaram me enterrar vivo, mas estou aqui para governar este país.”, A capa da CartaCapital enfatiza o "Triunfo de Lula", com uma foto de Lula de costas, de braços erguidos, saudando uma multidão que comemorava o resultado na Avenida Paulista. O foco está na “vitória dramática” e nas expectativas para o futuro, sugerindo inclusive que o “mundo respira aliviado”, em alusão a defesa da democracia.

A Avenida Paulista em São Paulo foi o palco das duas celebrações que fecharam as eleições em 2002 e em 2022, milhares de apoiadores da candidatura petista se reuniram para comemorar o resultado da eleição. Em 2002, Lula discursou para milhares de apoiadores e afirmou que o Brasil havia votado “sem medo de ser feliz”. Ainda segundo ele, “o Brasil está mudando em paz. E, mais importante, a esperança venceu o medo.”

O sentimento de esperança e o início de uma renovação política, esteve presente também no discurso de 2022, quando ele afirmou: “O novo Brasil que iremos construir a partir de 1º de janeiro não interessa apenas ao povo brasileiro, mas a todas as pessoas que trabalham pela paz, a solidariedade e a fraternidade, em qualquer parte do mundo. (...) Quero dizer que desejamos o mesmo, e vamos trabalhar sem descanso por um Brasil onde o amor prevaleça sobre o ódio, a verdade vença a mentira, e a esperança seja maior que o medo.”



Comemoração da vitória de Lula na Av Paulista 2022 - (Fábio Tito/g1)

Assim, tanto as eleições de 2002 quanto as de 2022 foram marcos decisivos na história política do Brasil, cada uma representando uma ruptura com o sistema vigente e o início de um novo ciclo histórico. Esse "novo ciclo histórico" refere-se à transição para momentos políticos distintos, nos quais as escolhas feitas pelos eleitores resultaram em mudanças profundas na forma como o país seria governado, introduzindo novos projetos de sociedade, valores e prioridades políticas.

Conclusão

A análise comparativa entre as eleições de 2002 e 2022 revela tanto semelhanças estruturais quanto diferenças marcantes que refletem o contexto social e político em que ocorreram. Esses dois momentos, embora separados por duas décadas, marcam transformações significativas na política brasileira e evidenciam a importância de Luiz Inácio Lula da Silva para a história da democracia no país. Em dois momentos extremamente distintos e com conjunturas complexas, Lula e o PT foram capazes de mudar a história da política nacional e inauguraram um novo ciclo político.

A principal diferença entre as eleições de 2002 e 2022 reside no contexto político e social que envolvia cada um desses momentos históricos. Em 2002, o Brasil vivia um período de estabilidade democrática, consolidado pela implementação do Plano Real. A eleição de Lula marcou o fim de uma era dominada pelo PSDB e a expectativa era que o novo governo implementasse mudanças sociais e econômicas que beneficiassem os mais pobres, sem romper com as conquistas macroeconômicas anteriores. O desafio era combater o desemprego e a desigualdade, mas sob um clima de normalidade democrática.

Por outro lado, em 2022, o cenário era radicalmente diferente. O Brasil estava profundamente dividido politicamente e socialmente, e a democracia estava ameaçada. A ascensão da extrema-direita, liderada por Jair Bolsonaro, trouxe novos elementos à disputa, como a disseminação massiva de fake news, o uso das redes sociais como ferramenta central de campanha e uma crescente desconfiança nas instituições democráticas. Em um contexto de pós-pandemia, com o país enfrentando uma crise econômica, social e sanitária, a eleição de 2022 foi vista como um divisor de águas entre a continuidade de um governo autoritário e a possibilidade de retorno à normalidade democrática.

A influência das redes sociais também se destaca como uma diferença fundamental entre os dois períodos. Em 2002, as campanhas eram centradas na televisão e no rádio, com estratégias de marketing político tradicionais. O impacto das redes sociais era inexistente. Em 2022, porém, as plataformas digitais tornaram-se centrais para a disseminação de informações (e desinformações), moldando o comportamento dos eleitores e ampliando a polarização. Bolsonaro, em particular, fez uso extensivo dessas plataformas, cultivando uma base de apoio que era pautada por discursos de ódio e teorias conspiratórias. A capacidade das redes sociais de amplificar discursos polarizadores representou um desafio adicional para Lula, que precisou se adaptar a esse novo ambiente.

Apesar das intensas diferenças entre os contextos de 2002 e 2022, as duas eleições trazem pontos de conexão importantes.

Uma das semelhanças mais evidentes entre os dois pleitos é a estratégia de Lula em apaziguar a classe média, ampliando sua base de apoio para além dos setores historicamente associados ao PT e à esquerda. Em 2002, a figura do "Lula Paz e Amor" simbolizava esse movimento de moderação, um esforço claro para tranquilizar o eleitorado e garantir que sua vitória não representaria uma ruptura radical. A famosa "Carta ao Povo Brasileiro" foi um marco dessa transição, onde Lula reafirmou seu compromisso com a estabilidade econômica, o controle inflacionário e o respeito às regras do mercado, afastando o receio de que sua eleição implicaria instabilidade econômica. Essa estratégia foi essencial para conquistar uma parcela da classe média que, até então, estava relutante em votar no PT. A escolha de José Alencar, empresário do setor têxtil, como seu vice-presidente foi um movimento simbólico nessa direção.

Já em 2022, a necessidade de conquistar novamente um eleitorado mais amplo era ainda mais urgente, mas sob uma nova conjuntura. O Brasil, polarizado, enfrentava uma crise institucional, com a democracia sendo colocada em xeque. A ascensão de Jair Bolsonaro, representante de uma extrema-direita populista, criava um cenário de conflito que exigia de Lula uma estratégia de apaziguamento e unificação. A construção de uma frente ampla, que incluiu o apoio de setores tradicionais de centro-direita, como Geraldo Alckmin, ex-adversário e escolhido como seu vice, foi um movimento claro de que, assim como em 2002, Lula buscava ampliar suas alianças para além do espectro ideológico de esquerda. Dessa vez, no entanto, a moderação não se limitava a uma promessa de estabilidade econômica, mas também de proteção às instituições democráticas.

Outro ponto de semelhança relevante é a mobilização popular. Em ambas as eleições, o eleitorado desempenhou um papel decisivo, sendo mobilizado por narrativas que se apoiavam no desejo de mudança. Em 2002, a insatisfação com o governo Fernando Henrique Cardoso, marcada pelo desemprego, fome e desigualdade social, impulsionou o voto em Lula como uma esperança de justiça social. A imagem do líder sindicalista, que vinha de uma trajetória de luta pelos direitos dos trabalhadores, somada à promessa de um governo inclusivo e voltado para os pobres, despertou um senso de pertencimento e expectativa na população. A mobilização social foi massiva e refletiu a esperança de que o Brasil poderia, finalmente, superar as barreiras da desigualdade estrutural.

Já em 2022, a mobilização popular teve contornos diferentes. O eleitorado, em grande parte, estava motivado não apenas pela promessa de mudança, mas pela defesa de valores

democráticos. A eleição de Lula foi vista como uma forma de frear a escalada autoritária e de restaurar o respeito pelas instituições democráticas que estavam sob ataque constante. O retorno de Lula ao cenário político, após ter sido preso e posteriormente absolvido, adicionou um caráter simbólico à disputa, consolidando sua imagem como uma figura resistente e resiliente.

Essas características deram um caráter especial ao voto em ambas as eleições, como se cada eleitor soubesse que estava contribuindo para inaugurar um novo ciclo histórico no país. Em 2002, o sentimento era de expectativa por uma mudança profunda, com a ascensão de um operário à presidência e a esperança de redução das desigualdades sociais. A eleição de Lula representava um marco, o início de uma nova era na política brasileira. Já em 2022, o voto em Lula carregava uma responsabilidade histórica, a retomada de um líder político para garantir a sobrevivência da democracia diante das ameaças autoritárias. Em ambas as ocasiões, a população votou como quem sabia que estava participando de um capítulo importante na democracia brasileira.

Por fim, a análise nos mostra que a capacidade de Lula e do PT em construir alianças amplas, dialogar com diferentes setores da sociedade e se adaptar às demandas de cada momento histórico são aspectos fundamentais das duas eleições.

Durante esses 20 anos, o Brasil viveu crises políticas intensas, marcadas pelo impeachment de uma presidente e o crescimento do fascismo. Nesse contexto, pode-se dizer que a democracia brasileira é complexa e, muitas vezes, não representativa. As desigualdades estruturais existentes no país muitas vezes limitam a política a uma burocracia, onde as decisões não são tomadas com base em concepções ideológicas ou esperanças de um futuro melhor. É nesse cenário que se destaca o maior acerto do PT, especialmente na construção da figura de Lula.

Os avanços sociais promovidos durante seus governos fizeram com que seu nome se consolidasse como uma exceção no campo político brasileiro. Mesmo em um ambiente onde a confiança nas instituições políticas é frágil, as pessoas mantêm sua crença na figura de Lula. Em 2002 e em 2022, o PT demonstrou a força de um voto ideológico, alimentado pela esperança de mudança. A conquista da presidência em dois momentos tão distintos reflete não apenas a resiliência de sua liderança, mas também a crença popular de que ele é capaz de trazer transformações reais, em um país marcado por desafios sociais e políticos profundos.

Mais do que apenas uma análise de dois momentos eleitorais, este trabalho busca evidenciar como essas eleições foram marcos que transcenderam a simples escolha de um presidente, sendo momentos de redefinição da própria identidade política do Brasil. A eleição de Lula, em ambas as ocasiões, marcou o início de novos ciclos históricos e reafirmou a importância da mobilização popular, da construção de alianças amplas e da defesa intransigente da democracia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARREIRÃO, Yan. **A eleição presidencial de 2002: uma análise preliminar do processo e dos resultados eleitorais**. Scielo, online, 8/05/2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/zzsbFkSmhyFdZfXDXwK6Xyb/> Acesso em: 12/10/2024

MADUENO, Denise. **Evangélico, Garotinho ganha apoio da Assembleia de Deus**. Folha de S.Paulo, SP, 15/06/2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1506200214.htm> Acesso em: 12/10/2024

FONSECA, Alexandre. **Mídia, religião e política: Mídia, religião e política: Mídia, religião e política: a evangelização da vangelização da campanha presidencial campanha presidencial**, Portal de Publicações Eletrônicas da UERJ. Disponível em: file:///C:/Users/luiza.fernandes_inpr/Downloads/admin_depext,+10_Conex%C3%B5es+transdisciplinares_Alexandre+Brasil+Fonseca.pdf Acesso em: 12/10/2024

Garotinho diz seria oposição em governo Lula. Folha de S.Paulo, São Paulo, outubro. 2002. Enviada especial a Pouso Alegre. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0310200230.htm> Acesso em: 12/10/2024

FUTENA, Fabiana. **Ciro prevê desemprego e recessão para 2003 com guerra EUA-Iraque**. Folha de S.Paulo, 11/09/2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u37623.shtml> Acesso em: 12/10/2024

RANULFO MELO, Carlos. **DEMOCRACIA, DIREITA E “LULA 3”**: a eleição de 2022 e seus desdobramentos. Scielo. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/tzjDfP8c4p5hXsbLNbGQrwb/#> Acesso em: 12/10/2024

CAGLIONI, Cesar e MAMMI, Antoni. **A radicalização do discurso de Ciro contra Lula e a esquerda**. Portal Nexo. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2022/09/22/a-radicalizacao-do-discurso-de-ciro-contra-lula-e-a-esquerda> Acesso em: 12/10/2024

MOISÉS, José Alvares. **Corrupção abre brecha para autoritarismo', diz professor da USP. Folha de S.Paulo, SP**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/12/1941945-corrupcao-abre-brecha-para-autoritarismo-diz-professor-da-usp.shtml> Acesso em: 12/10/2024

ROSSI, Amanda. **O governo despejou R\$ 21 bilhões extras na mão de eleitores durante a campanha**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/21/governo-bolsonaro-concedeu-r-21-bilhoes-extras-a-eleitores-na-campanha.htm> Acesso em: 12/10/2024

BARIFOUSE, Rafael. **Lula eleito: os fatores que levaram Bolsonaro a ser 1º presidente a não se reeleger**. BBC News, Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63421483> Acesso em: 12/10/2024

GLEZER, Rubens. **A ilusão da Lava Jato**. Revista Piauí. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/ilusao-da-lava-jato/> Acesso em: 12/10/2024

Gatti, Beatriz. **Lava Jato adotou estratégias não autorizadas em lei'** Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2022/12/14/lava-jato-adotou-estrategias-nao-autorizadas-em-lei> Acesso em: 12/10/2024

Lula diz que vai conversar com o Congresso para acabar com o orçamento secreto: "Temos que voltar à normalidade". Zero Hora. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2022/10/lula-diz-que-vai-conversar-com-o-congresso-para-acabar-com-o-orcamento-secreto-temos-que-voltar-a-normalidade-cl9r6pwwq004u014uvpqlvz8y.html>. Acesso em: 12/10/2024

Singer, Andre **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador São Paulo: Companhia das Letras.**

PRAZERES, Leandro. **Eleições: Lula retoma estratégia de 2002, mas deve ser menos 'paz e amor', dizem especialistas**. BBC Brasil, Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60846192> Acesso em: 12/10/2024

Dados

Cesop (Centro de Estudos da Opinião Pública) . FGV, 12/2002. Disponível em: https://www.cesop.unicamp.br/por/banco_de_dados/v/1762 Acesso em: 12/10/2024

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 2002. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2004/b06uf.htm> Acesso em: 12/10/2024

Datafolha, 2002. **Intenção de voto para presidente – 30/08/2002**. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2002/08/1198889-ciro-20-divide-segundo-lugar-com-serra-19-lula-mantem-lideranca-com-37.shtml> Acesso em: 12/10/2024

Tribunal Superior Eleitoral. **Perfil do eleitorado em 2022**. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Julho/brasil-tem-mais-de-156-milhoes-de-eleitoras-e-eleitores-aptos-a-votar-em-2022-601043> Acesso em: 12/10/2024

Datafolha, 2022. **Intenção de voto para presidente – 22/08/2022**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/o-que-a-pesquisa-datafolha-revela-sobre-lula-bolsonaro-ciro-gomes-e-simone-tebet.shtml> Acesso em: 12/10/2024

Ipec 2022. **Rejeição a Bolsonaro - 17/10/2022** TV Globo. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/pesquisa-eleitoral/noticia/2022/10/17/ipecc-46percent-nao-votariam-em-bolsonaro-de-jeito-nenhum-lula-e-rejeitado-por-41percent.ghtml> Acesso em: 12/10/2024

Datafolha, 2022. Identificação política - 08/06/2024 Folha de S.Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/datafolha-identificacao-com-a-esquerda-cresce-e-vai-a-49-da-populacao-direita-recua.shtml> Acesso em: 12/10/2024

Datafolha, 2022 - Votos por estado - 05/06/2024 Folha de S.Paulo. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/05/confira-o-que-a-pesquisa-datafolha-revela-sobre-lula-e-bolsonaro.shtml> Acesso em: 12/10/2024



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES
FAFICLA

MEMORIAL

**O Brasil em dois momentos Históricos: O que une as eleições presidenciais
de 2002 e 2022**

Aluna: Luiza Ferreira Pires da Costa Fernandes

Orientador: José Salvador Faro

SÃO PAULO

2024

1. RESUMO

Este trabalho investiga as eleições presidenciais de 2002 e 2022 no Brasil, comparando os contextos históricos, as campanhas eleitorais e os resultados de ambos os pleitos. A motivação da pesquisa é entender como Luiz Inácio Lula da Silva se consolidou como uma figura central em dois momentos críticos da democracia brasileira, simbolizando a esperança de mudanças socioeconômicas em 2002 e a defesa da democracia em 2022.

O estudo se apoia em uma análise documental e bibliográfica, com foco nos discursos de campanha, dados eleitorais, estratégias de marketing político e análises amplas dos contextos socioeconômicos de ambos os momentos. O formato escolhido foi o de livro-reportagem.

2. APRESENTAÇÃO

O tema deste projeto trata da relevância política e social das eleições presidenciais de 2002 e 2022 no Brasil, partindo da hipótese de que nos dois pleitos o país experimentou eleições de importância histórica, que alteraram o curso da democracia brasileira. Luiz Inácio Lula da Silva é o vencedor das duas eleições e personagem central no cunho histórico de ambos os momentos.

Em 2002, o Brasil vivia um período de estabilidade democrática, porém com desafios sociais e econômicos profundos, como o desemprego e a desigualdade. A eleição de Lula foi vista como um marco de inclusão social, especialmente para as camadas mais pobres da população. Naquele momento o Brasil optou por eleger Lula, mas também por acreditar na possibilidade de um novo projeto de país, que não teria como pilar a economia liberal adotada a anos por uma sequência de ex-presidentes.

A eleição de Lula em 2002 inaugura um novo ciclo histórico na política brasileira, que vai, a partir dali, assistir o crescimento do PT como um dos partidos mais importantes do país e uma hegemonia na disputa político-partidária presidencial, que ficou quase 20 anos, sendo disputada pelo PSDB e o PT.

Já em 2022, o contexto político era muito mais desafiador, marcado por uma crescente ameaça às instituições democráticas e pela ascensão de uma extrema-direita populista liderada por Jair Bolsonaro. A disputa entre esquerda e direita, marcada por PT e PSDB, perdeu espaço para o crescimento de uma nova direita, muito mais enérgica e radicalizada, que vence as eleições em 2018 e busca a reeleição em 2022.

Nesse cenário, Lula volta a disputar um cargo presidencial e assume a posição de defensor da democracia, assumindo o papel de pacificador e restaurador do equilíbrio institucional. A candidatura de Lula em 2022 não tinha o objetivo de disputar ideologicamente aquele pleito, mas sim, de recuperar e garantir a continuidade da democracia no país. Mais quatro anos de Bolsonaro e com o aval dado pelas urnas, poderia significar um grave risco à continuidade democrática do Brasil, Lula então retorna como candidato e busca mais uma vez, instaurar um novo

ciclo histórico, em que uma eleição é capaz de romper com o rumo da política nacional.

A escolha de analisar esses dois períodos se justifica pela importância que ambos representaram para a compreensão da evolução da política brasileira. O objetivo era conectar as semelhanças entre Lula 1 e Lula 3, e como ambos significaram marcos na história de uma das mais importantes democracias do mundo.

Para isso, a pesquisa utilizou uma abordagem documental com análise de campanhas eleitorais, dados de opinião pública e entrevistas, feitas durante as eleições, com especialistas em ciência política. E também um componente bibliográfico. Esse conjunto permitiu não apenas traçar um panorama comparativo entre os dois pleitos, mas também aprofundar a discussão sobre as mudanças que ocorreram no cenário político ao longo das duas décadas que separam essas eleições.

3. DESENVOLVIMENTO

Hipótese

A hipótese deste trabalho é que as eleições de 2002 e 2022, embora ocorram em contextos socioeconômicos e políticos diferentes, compartilham a característica de serem momentos decisivos para a democracia brasileira, ambos liderados por Luiz Inácio Lula da Silva. Em 2002, Lula foi a personificação de uma esperança por mudanças profundas, enquanto em 2022 ele se apresentou como alternativa para a restauração e proteção das instituições democráticas.

O trabalho busca provar que, apesar de diferentes conjunturas, as duas campanhas de Lula seguiram estratégias semelhantes de ampliação de sua base de apoio, adaptando-se às demandas e ao clima político de cada época. Isso só foi possível porque o tom adotado em ambos os pleitos, era de que tratava-se de eleições históricas, que mudariam o rumo da política brasileira.

Recortes

O recorte temporal desta pesquisa abrange os períodos eleitorais de 2002 e 2022, focando nas campanhas eleitorais de cada ano. Em termos de recorte empírico, o estudo analisa as campanhas presidenciais, com ênfase nas propagandas políticas, discursos públicos, debates eleitorais e na cobertura midiática desses períodos.

Para isso foi importante também apresentar no trabalho alguns contextos políticos e sociais que precederam as eleições, porém, eles entram como suporte na composição do cenário e não como o recorte utilizado para a produção da pesquisa. Sendo este, os períodos eleitorais, ou seja aqueles que antecederam as urnas em 2002 e 2022.

Suporte

O trabalho será apresentado em formato de livro-reportagem.

Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho combina pesquisa documental, com levantamento de dados, como discursos de campanha, levantamento de imprensa,

programas eleitorais e dados de opinião pública, com fontes bibliográficas, que são estudos acadêmicos sobre política eleitoral, comportamento eleitoral e marketing político.

A pesquisa também incorpora o uso de levantamentos estatísticos e gráficos que ilustram as tendências eleitorais. A escolha de combinar pesquisa documental e levantamento de dados foi essencial, pois essas eleições apresentaram contextos socioeconômicos distintos e campanhas com uma vasta quantidade de informações.

Essa metodologia, que integra tanto fontes documentais quanto bibliográficas, permite uma análise aprofundada e contextualizada das mudanças nas estratégias eleitorais e na percepção pública de cada época. A combinação de diferentes métodos foi fundamental para garantir que o estudo não apenas identificasse, mas também compreendesse as nuances dos eventos e suas implicações para a política brasileira.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O livro "Por que Lula?", de Alberto Carlos Almeida, foi utilizado como fundamentação teórica para entender a eleição de 2002 como um momento de ruptura histórica no cenário político brasileiro.

Almeida analisa dados estatísticos e pesquisas detalhadas para mostrar que a vitória do Partido dos Trabalhadores não foi um evento isolado, mas o resultado de um processo lógico que refletiu as insatisfações e mudanças na base de apoio do governo de Fernando Henrique Cardoso. Segundo Almeida, a derrota do governo e o sucesso do PT foram influenciados por fatores como o pequeno colapso na base governista e a disputa por espaços de poder dentro do PSDB e do PFL desde o início de 1999.

Adicionalmente, ele enfatiza como a mudança na imagem de Lula para o eleitorado, somada à escolha de temas de campanha que dialogavam diretamente com as necessidades populares, foram cruciais para sua aceitação como candidato viável. Esse contexto de reconfiguração política culminou na ascensão de um partido tradicionalmente oposicionista, estabelecendo uma nova direção para a política nacional e marcando 2002 como um marco transformador na democracia brasileira.

Para a eleição de 2022, a análise se sustenta principalmente em materiais da imprensa brasileira e nas próprias campanhas eleitorais, que documentaram as complexas interações políticas e sociais que caracterizaram aquele pleito. Complementando essa base, o artigo *Democracia, Direita e "Lula 3": A eleição de 2022 e seus desdobramentos*, de Carlos Ranulfo Melo, professor e cientista político da UFMG, foi fundamental para a análise dos significados profundos da eleição de 2022.

Melo discute a relevância do pleito ao defender que, caso Bolsonaro tivesse conquistado um segundo mandato, ele provavelmente teria ampliado sua influência sobre partidos de centro e direita no Congresso, o que abriria caminho para interferências nos órgãos de justiça, ameaçando diretamente as bases democráticas do país. Dessa forma, a vitória de Lula é interpretada como um momento decisivo

para a preservação da democracia e para a mudança dos rumos políticos do Brasil, especialmente em um contexto de polarização e intensificação de discursos autoritários.

Por fim, este trabalho se aprofunda na análise do fenômeno Lula e de sua centralidade nesses dois períodos de ruptura histórica. Para tanto, *Os Sentidos do Lulismo*, de André Singer, ex-porta-voz do governo Lula e cientista político, é a base para entender como Lula representa um personagem singular capaz de catalisar mudanças significativas na democracia brasileira. A análise de Singer ajuda a fundamentar a ideia de que a figura de Lula é crucial na história política recente do Brasil, sendo ele o catalisador de duas rupturas significativas que redirecionaram os rumos do país.

5. CONCLUSÃO

A análise das eleições de 2002 e 2022 revela semelhanças e contrastes que refletem as transformações políticas e sociais pelas quais o Brasil passou nas últimas duas décadas. Ambos os momentos, embora distintos, marcam períodos de ruptura e reorientação na história democrática do país, inaugurando novos ciclos políticos em meio a desafios diferentes.

A principal diferença entre esses dois períodos está no contexto que envolvia cada eleição. Em 2002, o país vivia em relativa estabilidade democrática, com desafios como o desemprego e a desigualdade, mas sem grandes ameaças às suas instituições. Naquele momento, as expectativas estavam voltadas para mudanças econômicas e sociais que mantivessem os avanços macroeconômicos, mas que incluíssem uma ampliação das políticas voltadas aos mais pobres. Já em 2022, o cenário era bem mais conturbado: o Brasil enfrentava uma divisão profunda e um ambiente de crise institucional, alimentado pela ascensão de uma extrema-direita populista. A democracia brasileira se encontrava ameaçada, e a eleição se tornou um divisor de águas, trazendo a possibilidade de restauração da normalidade democrática.

Outro ponto de destaque entre esses momentos é a diferença na dinâmica das campanhas. Em 2002, as campanhas ainda eram pautadas pelos veículos de comunicação tradicionais, como a televisão e o rádio, enquanto em 2022, as redes sociais se tornaram o principal meio de comunicação eleitoral. Essas plataformas digitais, embora eficazes para mobilizar eleitores, também intensificaram a polarização e facilitaram a disseminação de desinformação, especialmente por parte de movimentos de extrema-direita, que usaram as redes para promover discursos extremistas e teorias conspiratórias. Esse novo cenário exigiu adaptações estratégicas de todos os candidatos, para manter o engajamento do eleitorado.

Apesar das diferenças, as duas eleições possuem conexões importantes, como a busca pela ampliação da base de apoio e a necessidade de apaziguar setores da sociedade para garantir estabilidade. Em 2002, a "Carta ao Povo Brasileiro" e a escolha de um vice de perfil empresarial foram movimentos significativos para

assegurar o apoio da classe média e do mercado financeiro. Em 2022, em um país ainda mais polarizado e com a democracia em risco, a construção de uma frente ampla, que incluiu políticos de diferentes espectros ideológicos, representou um esforço de unificação e moderação em defesa das instituições democráticas.

Além disso, ambas as eleições foram marcadas por uma forte mobilização popular. Em 2002, o desejo de justiça social e a promessa de inclusão deram força ao voto popular, enquanto, em 2022, muitos eleitores foram às urnas motivados pela defesa da democracia e pela necessidade de frear tendências autoritárias. Esses aspectos fizeram com que, em ambos os casos, a votação tivesse um significado histórico, visto que os eleitores se mobilizaram conscientes da importância de cada pleito para o futuro da democracia brasileira.

Dessa forma, as eleições de 2002 e 2022 não foram apenas escolhas de novos governantes, mas momentos históricos que influenciaram a trajetória do país, reafirmando a importância da mobilização social, da construção de alianças amplas e da defesa de uma sociedade democrática.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARREIRÃO, Yan. **A eleição presidencial de 2002: uma análise preliminar do processo e dos resultados eleitorais**. Scielo, online, 8/05/2004. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rsocp/a/zzsbFkSmhyFdZfXDZwK6Xyb/> Acesso em: 12/10/2024

MADUENO, Denise. **Evangélico, Garotinho ganha apoio da Assembleia de Deus**. Folha de S.Paulo, SP, 15/06/2024. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1506200214.htm> Acesso em: 12/10/2024

FONSECA, Alexandre. **Mídia, religião e política: Mídia, religião e política: Mídia, religião e política: a evangelização da vangelificação da campanha presidencial**, Portal de Publicações Eletrônicas da UERJ. Disponível em:

file:///C:/Users/luiza.fernandes_inpr/Downloads/admin_depext,+10_Conex%C3%B5es+transdisciplinares_Alexandre+Brasil+Fonseca.pdf Acesso em: 12/10/2024

Garotinho diz seria oposição em governo Lula. Folha de S.Paulo, São Paulo, outubro. 2002. Enviada especial a Pouso Alegre. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0310200230.htm> Acesso em: 12/10/2024

FUTENA, Fabiana. **Ciro prevê desemprego e recessão para 2003 com guerra EUA-Iraque**. Folha de S.Paulo, 11/09/2002. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u37623.shtml> Acesso em: 12/10/2024

RANULFO MELO, Carlos. **DEMOCRACIA, DIREITA E “LULA 3”: a eleição de 2022 e seus desdobramentos**. Scielo. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/tzjDfP8c4p5hXsbLNbGQrwb/#> Acesso em: 12/10/2024

CAGLIONI, Cesar e MAMMI, Antoni. **A radicalização do discurso de Ciro contra Lula e a esquerda**. Portal Nexo. Disponível em:

<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/09/22/a-radicalizacao-do-discurso-de-ciro-contra-lula-e-a-esquerda> Acesso em: 12/10/2024

MOISÉS, José Alvares. **Corrupção abre brecha para autoritarismo', diz professor da USP. Folha de S.Paulo, SP**. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/12/1941945-corrupcao-abre-brecha-para-autoritarismo-diz-professor-da-usp.shtml> Acesso em: 12/10/2024

ROSSI, Amanda. **O governo despejou R\$ 21 bilhões extras na mão de eleitores durante a campanha**. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/21/governo-bolsonaro-concedeu-r-21-bilhoes-extras-a-eleitores-na-campanha.htm> Acesso em: 12/10/2024

BARIFOUSE, Rafael. **Lula eleito: os fatores que levaram Bolsonaro a ser 1º presidente a não se reeleger**. BBC News, Disponível em:
<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63421483> Acesso em: 12/10/2024

GLEZER, Rubens. **A ilusão da Lava Jato**. Revista Piauí. Disponível em:
<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/ilusao-da-lava-jato/> Acesso em: 12/10/2024

Gatti, Beatriz. **Lava Jato adotou estratégias não autorizadas em lei'** Disponível em:
<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2022/12/14/lava-jato-adotou-estrategias-nao-autorizadas-em-lei> Acesso em: 12/10/2024

Lula diz que vai conversar com o Congresso para acabar com o orçamento secreto: "Temos que voltar à normalidade". Zero Hora. Disponível em:
<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2022/10/lula-diz-que-vai-conversar-com-o-congresso-para-acabar-com-o-orcamento-secreto-temos-que-voltar-a-normalidade-cl9r6pwwg004u014uvpglvz8y.html>. Acesso em: 12/10/2024

Singer, Andre **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador São Paulo: Companhia das Letras**.

PRAZERES, Leandro. **Eleições: Lula retoma estratégia de 2002, mas deve ser menos 'paz e amor', dizem especialistas**. BBC Brasil, Disponível em:
<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60846192> Acesso em: 12/10/2024

Dados

Cesop (Centro de Estudos da Opinião Pública) . FGV, 12/2002. Disponível em:
https://www.cesop.unicamp.br/por/banco_de_dados/v/1762 Acesso em: 12/10/2024

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 2002. Disponível em:
<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/ibd2004/b06uf.htm> Acesso em: 12/10/2024

Datafolha, 2002. **Intenção de voto para presidente – 30/08/2002**. Disponível em:
<https://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2002/08/1198889-ciro-20-divide-segundo-lugar-com-m-serra-19-lula-mantem-lideranca-com-37.shtml> Acesso em: 12/10/2024

Tribunal Superior Eleitoral. **Perfil do eleitorado em 2022**. Disponível em:
<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Julho/brasil-tem-mais-de-156-milhoes-de-eleitoras-e-eleitores-aptos-a-votar-em-2022-601043> Acesso em: 12/10/2024

Datafolha, 2022. **Intenção de voto para presidente – 22/08/2022**. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/o-que-a-pesquisa-datafolha-revela-sobre-lula-bolsonaro-ciro-gomes-e-simone-tebet.shtml> Acesso em: 12/10/2024

Ipec 2022. **Rejeição a bolsonaro - 17/10/2022** TV Globo. Disponível em:
<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/pesquisa-eleitoral/noticia/2022/10/17/ipc-46percent-nao-votariam-em-bolsonaro-de-jeito-nenhum-lula-e-rejeitado-por-41percent.ghtml>
Acesso em: 12/10/2024

Datafolha, 2022. Identificação política - 08/06/2024 Folha de S.Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/datafolha-identificacao-com-a-esquerda-cresce-e-vai-a-49-da-populacao-direita-recua.shtml> Acesso em: 12/10/2024

Datafolha, 2022 - Votos por estado - 05/06/2024 Folha de S.Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/05/confira-o-que-a-pesquisa-datafolha-revela-sobre-lula-e-bolsonaro.shtml> Acesso em: 12/10/2024